

ÁGUAS DE CRIXÁS

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

Nas terras de Crixás, município situado na região nordeste de Goiás, antes do século XVIII, os indígenas Kirirás (que adaptado do tupi é Crixás) viviam em sintonia com as águas dançantes do rio Vermelho. Nas sombras das matas, entre raízes, pedregulhos e areais, nas curvas, poços e corredeiras, as águas do rio eram também as águas dos povos Kirirás. Os indígenas nasciam e morriam integrados à natureza abundante do Cerrado. Do formoso flume e das matas extraíam os alimentos de que dependiam para reproduzir a vida gratuita e fecunda. As águas de Crixás eram águas sagradas e dadas. No caudal d'água espíritos ancestrais e demais seres anímicos se manifestavam nas enchentes, nos cardumes de peixes e nos poços profundos e turvos. Os povos Kirirás não ousavam ferir o rio. A intervenção humana ocorria à medida das necessidades vitais como saciar a sede, pescar e tomar banho. O mundo dos Kirirás no vasto Cerrado de árvores tortuosas, rios caudalosos, animais rasteiros e voadores foi abalado quando os colonizadores, no início do século XVIII, descobriram ouro de aluvião às margens do rio Vermelho. O brilho do metal não demorou para provocar a sanha garimpeira e a feroz devastação das matas e das águas. O trabalho escravizado foi lançado às frentes extrativas para gerar opulência aos cofres da empresa colonial portuguesa. Nos arredores das lavras, nos vastos sertões constituíam-se os núcleos da vida e do trabalho que cumpriam a ambição do mercado mundial fornecendo ouro extraído de mãos escravizadas. Os indígenas Kirirás, livres como os sabiás que dançavam no céu azul do Planalto Central, acostumados com as farturas de peixes e frutos, foram caçados, expropriados e exterminados. O extermínio físico e étnico desses povos originários somou-se à ruína ecológica. As águas de Crixás tornaram-se, assim, águas feridas. A fúria mineradora revirou os terrenos cascalhentos, desviou cursos d'água, derrubou e queimou matagais, conspurcou os poços e tornou o rio impróprio aos peixes e aos humanos. A pestilência do rio Vermelho revolvido demonstrava que para os colonizadores as águas não eram sagradas. Da natureza queriam extrair as riquezas minerais que reluziam no mercado capitalista europeu. O esgotamento do ouro de aluvião modificou a relação e os usos do rio Vermelho em Crixás no decorrer dos séculos XIX. Os mineradores saíram à cata de novos veios de ouro ou diamantes em outros territórios. Nas terras remexidas pela faina mineral a vegetação voltou a vigorar. Os mananciais restituíram a fluidez de águas límpidas e generosas com todas as formas de vida.

.....
 Todavia, em Crixás, nas terras chamadas Chapéu de Sol, nos terrenos ondulados e revestidos de pedregulhos, nos vales recobertos de gramíneas e árvores, o ouro foi novamente descoberto.

No andar do século XX, à medida que as notícias alastravam, os garimpeiros avançavam abrindo catas e desmoronando barrancos às margens do rio Vermelho. Com bateias nas mãos, mangueiras e jatos de bombeamento mecânico, picaretas e pás, homens e mulheres intrépidos, expostos ao sol inclemente e mergulhados no barro, embriagados pelo sonho de enriquecimento, voltaram a ferir as águas de Crixás.

O garimpo revelava o caminho da degradação ambiental e das águas golpeadas pela ambição mineradora. Com a territorialização de megaempresas de mineração em Crixás, a relação com as águas superficiais e subterrâneas alterou de súbito. Nascentes, lençóis freáticos e córregos foram cercados pelas empresas. O que era comum e gratuito tornou-se privado e mercantilizado. O cercamento das águas é ilustrativo da expansão do capitalismo para transformar bens comuns em mercadorias. De acordo com Harvey (2016, p.241) *“o capital não pode senão privatizar, mercantilizar, monetizar e comercializar todos os aspectos da natureza. Só assim pode absorver cada vez mais a natureza para que se torne uma forma de capital - uma estratégia de acumulação - que chega ao nosso DNA”*. Crixás tornou-se, assim, uma fronteira aberta à mineração em grande escala para extrair ouro nas entranhas do subsolo. Galerias de até mil metros de profundidade foram abertas, maquinários e trabalhadores foram lançados nas profundezas infernais para triturar rochas no percalço do metal raro. Isso resultou na construção de uma paisagem geográfica do capitalismo extrativista mineral, com megabarragens de rejeitos, pilhas de estéril, prédios administrativos, redes de energia elétrica, bairro operário, estradas e plantas industriais. A extração da riqueza dourada depende do cercamento das águas. Por consequência, o cercamento das águas ocorreu por meio de outorgas; compra de terras com áreas de nascentes, córregos e rios; construção de barragens; perfuração de poços artesanais; armazenamento em caixas d'água e usos de sistemas de bombeamento. Com a mineração surgiram os ciclos hidrossociais, dentro dos quais a água não circula de forma gratuita e para usos da vida comunitária. As águas foram cercadas para o capital minerador que exporta ouro e com ele as águas virtuais de Crixás. Em 2022, quase 2700 quilos de ouro extraídos do subsolo de Crixás foram exportados para o Reino Unido e África do Sul no valor de US\$ 155,6 milhões (MDIC - Comexstat, 2023). A lógica colonial, pela qual as periferias extrativas especializaram em exportar bens primários, revela-se permanente. No ouro exportado há o sofrimento dos trabalhadores acidentados, amputados e mortos; as águas, solos e biodiversidade arruinadas pela mineração. A remoção do ouro subterrâneo só é possível com a extração da vida dos mineiros pobres.

O esgotamento das minas exaure na mesma medida a saúde da população. Essa situação é agravada para as 3.000 pessoas (17,5% da população crixense) que vivem em condição de pobreza e extrema pobreza no município (Cecad, 2023). A riqueza aurífera produz adoecimento, medo e miséria. Enquanto isso, o valor das operações minerais da empresa Mineração Serra Grande S.A (AngloGold Ashanti) em Crixás no ano 2021 foi de R\$ 887 milhões, quase nove vezes maior do que as receitas orçamentárias do município (que em 2020 foi de R\$ 86,6 milhões) (ANM, 2023; Siconfi, 2021).

O poder econômico de uma única empresa revela a estrutura de dependência e subordinação que implica governo, sociedade e o destino dos territórios. O modelo de mineração em Crixás transforma bens naturais e humanos como terra, água e trabalho em fontes de lucro a partir de ritmos de extração predatórios.

Diante disso, as águas foram cercadas e continuam feridas frente a eventos contaminantes do rio Vermelho. Em 1990 ocorreu um vazamento de rejeitos químicos da mineração e empestou o rio (Ribeiro, 2018). No início de 2022 a contaminação das águas do rio Vermelho resultou na mortandade de peixes que assombraram a população ribeirinha da cidade e das áreas rurais do município (G1, 2022). Essa situação toldou a cidade de medo e insegurança. O medo das águas para beber ou cozer os alimentos; o medo de comer os peixes do rio Vermelho; o medo de nadar e brincar nas águas do mesmo rio; o medo de viver a poucos metros de uma barragem de rejeitos e o medo de respirar o ar pulverulento sintetizam uma situação de sofrimento ambiental em Crixás. O sofrimento ambiental ocorre como expressão do sofrimento social da população exposta aos riscos de adoecimento em ambientes degradados e contaminados.

A mineração transformou as águas de Crixás em águas do medo. No antigo território dos Kirirás há feridas abertas que pululam nos rios, no subsolo, nas matas, nos vales e nos corpos dos trabalhadores. Mas, nas terras de Crixás também germina a coragem de mulheres e homens que lutam contra o modelo mineral predatório e defendem o baile das águas dadas e a vida plena de alegria e saúde. Por conseguinte, contra as águas do medo emanarão as águas valentes de Crixás.

■ ■ ■

Referências

- ANM. *Maiores Arrecadadores CFEM*. Disponível em: <<https://sistemas.anm.gov.br>>
- MDIC. Ministério do Desenvolvimento, Indústria, Comércio e Serviços. *Comexstat. Exportação e Importação Municípios*. Disponível em: <<http://comexstat.mdic.gov.br/pt/municipio>>. Acesso: 15/02/2023.
- Harvey, D. *17 contradições e o fim do capitalismo*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- Ribeiro, F. de A. *Mapeando os sentidos: a história do rio vermelho contada pelos ribeirinhos de Crixás* – GO. Dissertação, Centro Universitário de Anápolis, 2018.
- Siconfi – *Sistema de Informações Contábeis e Fiscais do Setor Público Brasileiro*. Disponível em: <<https://siconfi.tesouro.gov.br>>

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.